

A SAÚDE NO BRASIL

O desenvolvimento industrial e tecnológico no Brasil, em muitos aspectos, está indiscutivelmente acima, com muito maior relevo do que o da saúde do povo. Em 1977 o Brasil despendeu cerca de 92 bilhões de cruzeiros em serviços hospitalares e assistências com vistas à proteção e recuperação da saúde de seus habitantes. Entretanto, cerca de 45% da população deixaram de participar dos benefícios, resultando daí os altos índices de mortalidade em determinadas camadas e regiões, avultando uma cifra considerável e até assustadora de óbitos infantis.

A despeito dos esforços dos administradores no último decênio, um balanço da saúde no Brasil é realmente desanimador: doze milhões de esquistossomóticos, 972 mil doentes de malária, 143 mil hansenianos, 510 mil tuberculosos, 11 milhões de doentes mentais, cerca de 10 milhões de doentes de Chagas, etc.

Resta-nos do inventário uma expectativa de vida em torno de 61 anos, enquanto nos E.E.UU., na Suíça, Inglaterra, Alemanha Ocidental e Suécia a esperança de viver já passa dos 70 anos.

Da mortalidade no País, óbitos infantis nas capitais-de-municípios por 1000 crianças nascidas vivas, vemos: Fortaleza, 140,2; João Pessoa, 169,2; Natal, 104,4 e Recife, 256,4. É nestas capitais-de-municípios que a incidência de mortalidade infantil mais avulta. E como avulta!

Temos no Brasil no momento, aproximadamente 4.915 hospitais, englobando-se os do Governo e particulares, com 410 mil leitos e 70 mil médicos ativos, compreendendo o corpo clínico e auxiliares. Pelo número de atendimentos anuais em estabelecimentos hospitalares, e em seus anexos — cerca de 60 milhões — dão para entender que o brasileiro não está de boa saúde. Dez milhões e 100 mil internações por ano ratificam o precário estado patológico de parte da população. Contudo, temos no povo brasileiro boa resistência, a julgar pela taxa de mortalidade geral, de adultos, a 10,82 por 1000, quando a da Alemanha Ocidental e da Áustria, por exemplo é de 12,1 e 12,7 respectivamente.

Envolve neste comentário a indústria farmacêutica, porque remédios têm muito que ver com a saúde do povo. No Brasil mais de 80% das vendas de medicamentos no setor privado pertencem a empresas europeias e norte-americanas.

Com os nossos 115 milhões de habitantes — dois terços deles subalimentados, somos no âmbito dos remédios um potencial campo a explorar. Enfim, é este País um decantado "milagre econômico", com o seu PNB de 1968 a 1973 a um crescimento de 10% ao ano. Por isso mesmo as multinacionais de produtos farmacêuticos vêm mandando para o exterior a cada ano um pouco mais do que \$ 3.000.000,00 a título de contratos técnicos e acima de 50 milhões de dólares para as suas matrizes como pagamento de matérias-primas e de produtos semi-manufaturados.

Vale aqui a prova-teste do Dr. Cláudio Daffré, com o seu pequeno Laboratório farmacêutico no sub-solo da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Fornece seus remédios às vezes até a 1/10 do preço cobrado pelas multinacionais do ramo. Como exemplo, suas vitaminas C custam 80% mais barato; o IODETAL, medicamento de um grande laboratório, há dois anos era vendido no mercado por Cr\$ 4,90 enquanto o Dr.



HERMES FERNANDES

Daffré o fornecia à Santa Casa à Cr\$ 1,80. E o Dr Daffré, com essa política e seus preços justos somente no ano de 1974 economizou para a Santa Casa, de lucro líquido, Cr\$ 2.500.000,00.

O índice anual de óbitos causados pela tuberculose no Brasil é de 27,5 para cada 1000 habitantes. Não obstante isto, um Senador brasileiro calculou que em 1971 o tratamento quimioterápico recomendado no País para a tuberculose custava por paciente 650 dólares a cada 3 meses de uso. O Refaldim, da Dow Chemical, e o Miambutol, da Lederle, são os medicamentos que serviram de base para o cálculo.

Do sofrido Nordeste, na cidade de Amaraji, a uns 80 quilômetros do Recife, em 1970 nasceram 72 crianças, as quais morreram todas antes de completar um ano de vida. Segundo o Ministro da Saúde do governo Médice ocorrem 126.000 casos novos de tuberculose contagiosa por ano; e que, das crianças pré-escolar de Belo Horizonte examinadas 69,52% portava parasitas intestinais. Em 1972, detectou-se o bacilo da tuberculose em 48% dos jovens convocados para o serviço militar e em 12% das crianças ingressando na escola no primeiro estágio.

Em 1971 o ilustre Senador Benedito Ferreira apresentou uma comparação ao Congresso Nacional entre os preços de medicamentos produzidos por instituições governamentais e produtos terapêuticos similares produzidos pela indústria das multinacionais, quando comprovou diferença nos preços de até 2.500%.

Neste rol apresentou a Neomicina; e com 1.700% sobre os preços das instituições que fabricam para o Governo o Adipato de Piperazina.

Bem, não tenho nada contra os laboratórios farmacêuticos das multinacionais e relato isto pelo bem dos milhões de brasileiros que não podem pagar os exorbitantes preços manipulados pelas 20 maiores companhias de medicamentos do Brasil.

A despeito da trilogia prioritária — inflação, agricultura e energia — temos na formação humanitária do Presidente Figueiredo a convicção de que, na sua gestão, veremos entrosados a ciência, tecnologia e saúde em benefício do povo. Que confie! (P)